

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ: ABORDAGENS DE UM PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO CONCENTRADO

Paraná's industrialization: approaches of a concentrated development process

Leandro Garcia Niehues¹

Resumo

A industrialização do Paraná até a década de 1930 estava baseada no beneficiamento do mate e da madeira direcionado ao mercado exterior e sudeste brasileiro. Estas indústrias concentravam-se no denominado “Paraná tradicional”, área do Estado de ocupação pioneira, que abrange o litoral, Curitiba (e arredores) e os Campos Gerais. Com o declínio destas atividades e a ocupação do Norte do Paraná, principalmente a partir da década de 1940, houve no Estado um crescimento econômico com a atividade cafeeira e o setor industrial foi estimulado com o beneficiamento de café. No entanto, as indústrias paranaenses até a década de 1960 eram ainda incipiente, com reduzido emprego tecnológico e de baixa escala que propiciava o escoamento de capital excedente para outros estados, como São Paulo. A partir da década de 1960 o governo do Estado cria um modelo de desenvolvimento voltado à industrialização, instalando infraestrutura necessária e financiamentos para atrair indústrias que geravam produtos de maior valor agregado e amplo uso de tecnologia. Esta política de desenvolvimento acarretou na concentração espacial e econômica do setor industrial paranaense na Região Metropolitana de Curitiba, não propiciando disseminar-se por outras regiões do Estado. Assim, o objetivo deste trabalho é abordar os processos de industrialização do Estado do Paraná e discutir o modelo de desenvolvimento proposto. O método utilizado foi baseado na realização de pesquisa bibliográfica a respeito da industrialização do Paraná e da sua formação socioespacial.

Palavra-chave: Industrialização; Paraná; Desenvolvimento

Abstract

Paraná's industrialization until 1930s was based on the processing of wood and *mate* herb which was pitched in exterior market and southeast brazilian. These industries are concentrated in a region called “Paraná tradicional”, a state area from pioneer occupancy that runs from the coast to Curitiba (and outskirts) and Campos Gerais. With the decline of this activities and the occupancy of Paraná's North, mainly as from 1940s, there was an economic growth in the state with coffee activity and the industrial section was motivated by coffee processing. Nevertheless, Paraná's had incipient industries until 1960s with a reduced use of technology and low scale that afford the excess of capital outflow to others states, like São Paulo. As from 1960s state's government make a model of development oriented to industrialization affording the necessarily infrastructure and financing to attract industries that would make a high cost aggregate product and expansive use of technology. This development policy created an economic and spatial concentration of industrial section on Paraná, in Curitiba's metropolitan region, not allowing dissemination in another region of the state. Thus, this work objective is to approach the process of industrialization in Paraná's state and to discuss the development model proposed. The method used was based in an achievement of bibliographic research about Paraná's industrialization and its socio-spatial formation.

Keywords: Industrialization; Paraná; Development.

¹ Licenciado em Geografia. Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: nihueslg@yahoo.com

INTRODUÇÃO

A industrialização como via de desenvolvimento para o Estado do Paraná foi o caminho seguido pelo governo estadual a partir da década de 1970. Neste período percebe-se que a sua principal fonte econômica, o café, produzido no Norte do Estado, estava em situação de declínio devido a fatores como a modernização da agricultura, oscilações de preço e constantes perdas de produção ocasionadas por fenômenos climáticos. Porém, o projeto de industrialização do Paraná ocorreu com maior intensidade na Região Metropolitana de Curitiba, devido a iniciativas políticas em conjunto, de um lado o governo do Estado e de outro a prefeitura de Curitiba. Esta política não abrangeu e possibilitou a industrialização por todo Estado, ou seja, o que antes se encontrava disperso, passa-se agora em diante a se concentrar.

Para entender melhor como ocorreu o processo industrial no Paraná, procura-se primeiramente demonstrar a situação que se encontrava a indústria paranaense até a década de 1930, as mudanças sucedidas com a ocupação do Norte do Paraná, principalmente a partir da década de 1940, com a cafeicultura iniciando uma nova fase de prosperidade no Estado e a década de 1970 que reflete o declínio da atividade cafeeira e a implantação do modelo desenvolvimentista via industrialização. Acredita-se que esta abordagem possa demonstrar alguns apontamentos do processo de industrialização no Estado do Paraná, como o papel do governo estadual e do Norte do Estado com a atividade cafeeira.

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ

A industrialização do Paraná até a década de 1930 estava atrelada ao mate e a madeira atendendo o mercado exterior e brasileiro, principalmente do Sudeste, não havendo, entretanto, muitas relações comerciais a âmbito do mercado local (paranaense). Estas indústrias estavam concentradas no chamado “Paraná tradicional” que abrange os Campos Gerais, Curitiba e seu entorno e o litoral, conforme o mapa 1. Em relação às indústrias do mate e da madeira neste período no Paraná, pode ser observado na descrição feita por Leão (1989, p. 32):

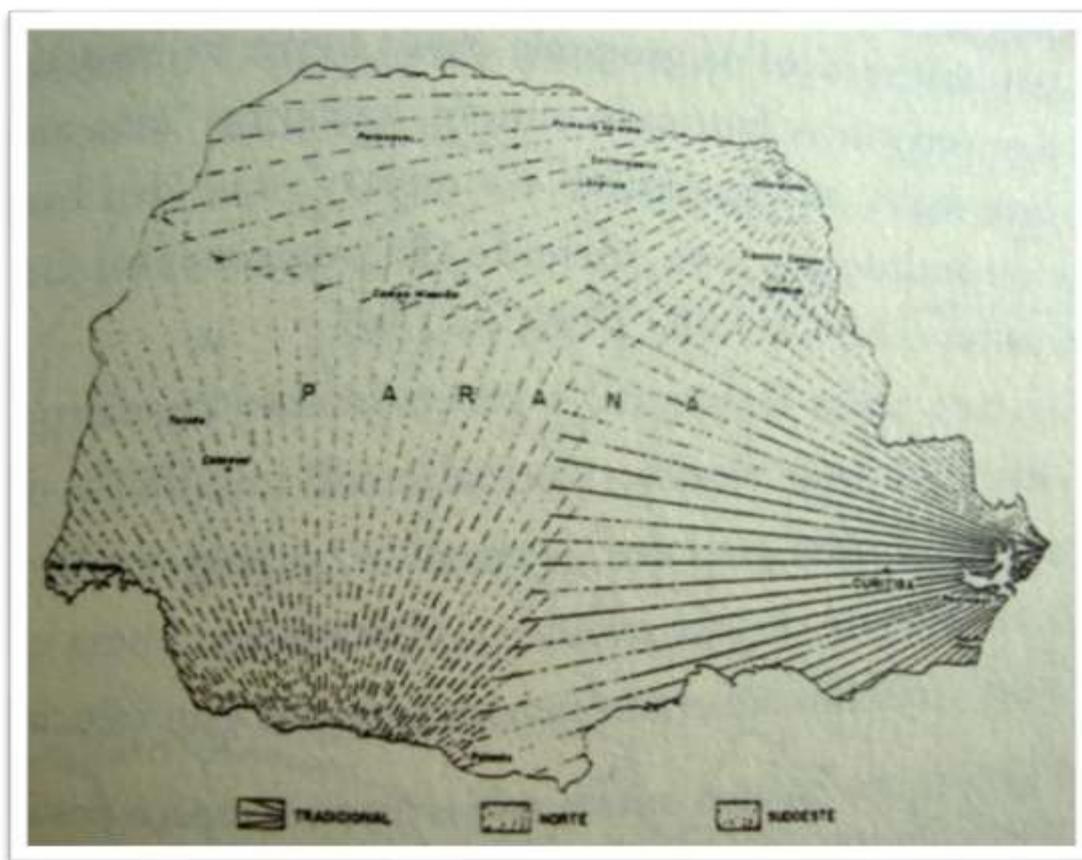
A forma de fabrico desses produtos indica que se trata de uma economia débil, com pequeno desenvolvimento capitalista. As instalações industriais são rudimentares, com nível tecnológico reduzido, incapazes de enfrentar condições de concorrência pouco mais difíceis. Ao mesmo tempo, a infraestrutura econômica do Estado era extremamente deficiente, deixando de garantir as condições mínimas para que os produtos de exportação concorressem no mercado. O Norte do Paraná apenas iniciava sua ocupação, e o restante do Estado apresentava uma agricultura pouco

dinâmica e com baixo grau de mercantilização, incapaz de gerar mercados com uma dimensão indutora do investimento industrial.

Neste momento histórico percebe-se que há uma inexpressiva economia industrial e desarticulada com o restante território paranaense, pois ainda estavam em processo de ocupação. Vale ressaltar também que a indústria paranaense sendo baseada no mate e na madeira é voltado, portanto, ao extrativismo, o que mantém formas rudimentares e reduzido nível tecnológico empregado. Quanto ao “Paraná tradicional” que é a ocupação pioneira do Estado, Lourenço (apud BRAGUETO, 1999, p. 152) diz que:

...a ausência de indústrias dinâmicas na região pode ser atribuída à inexistência de mercados, à escassez de excedentes financeiros que pudessem ser investidos na indústria e às precárias condições de infraestrutura de transporte e geração de energia elétrica [...].

Com a ocupação do Norte do Paraná, com ênfase a partir da década de 1940, há um crescimento industrial paranaense no período entre 1939 a 1949, principalmente estimulado pelo beneficiamento de café. Assim a atividade industrial mais importante estava vinculada com a cafeicultura. No entanto como a cafeicultura norte-paranaense estava ligada e era uma extensão da economia paulista, a produção e a comercialização eram direcionadas a este mercado, no qual comprava o café e exportava produtos manufaturados ao Paraná, agregando valor e concentrando o capital em São Paulo.

Figura 1 - Processo de ocupação do Paraná

Fonte: FRESCA (2003, p. 51).

No Norte do Paraná as riquezas geradas pela atividade cafeeira são resultantes muito mais da expansão econômica paulista do que um esforço produtivo desenvolvido pelo próprio Paraná, segundo Augusto (1978), se referindo ao “Paraná tradicional” que não ocupou estas terras, e sim ocupadas pelo dinamismo paulista. Via-se portanto, uma exportação de divisas gerada no Paraná em direção a São Paulo. Neste sentido, Lourenço (apud BRAGUETO, 1999, p. 152) descreve:

...quando ocorre sua expansão, o norte cafeeiro, ligado à economia paulista, não dispunha de condições para sustentar um forte crescimento industrial. A economia regional caracterizava-se pela transferência de sua produção agrícola para São Paulo e pela aquisição de produtos manufaturados desse Estado.

Em se tratando do início da década de 1960, o Paraná ainda apresentava uma indústria rudimentar e com ênfase a produtos alimentares, que em 1959 representava 56,35% do valor da produção, em comparação com a indústria da madeira que era de 17,15%. Estas indústrias de produtos alimentares se dedicavam principalmente ao beneficiamento de café

e madeira, utilizando-se de reduzido emprego de tecnologia sendo assim uma produção de baixa escala e destinado aos mercados locais (BRAGUETO, 1999).

A partir disto o Paraná começa a montar um modelo de desenvolvimento com vistas a superar a debilitada situação que se encontra o setor industrial até a década de 1960. Neste momento cria-se a Companhia de Desenvolvimento do Paraná - CODEPAR, em 1962, transformada em 1968 em Banco de Desenvolvimento do Paraná - BADEP. A CODEPAR surge num contexto histórico em que a função do Estado é também de intervir na economia e diante disto assume duas linhas primordiais para o desenvolvimento industrial: uma no sentido de possibilitar e propiciar mais rentabilidade para a atividade industrial, por meio da instalação de infraestrutura necessária e outra como empresa financiadora para estas indústrias.

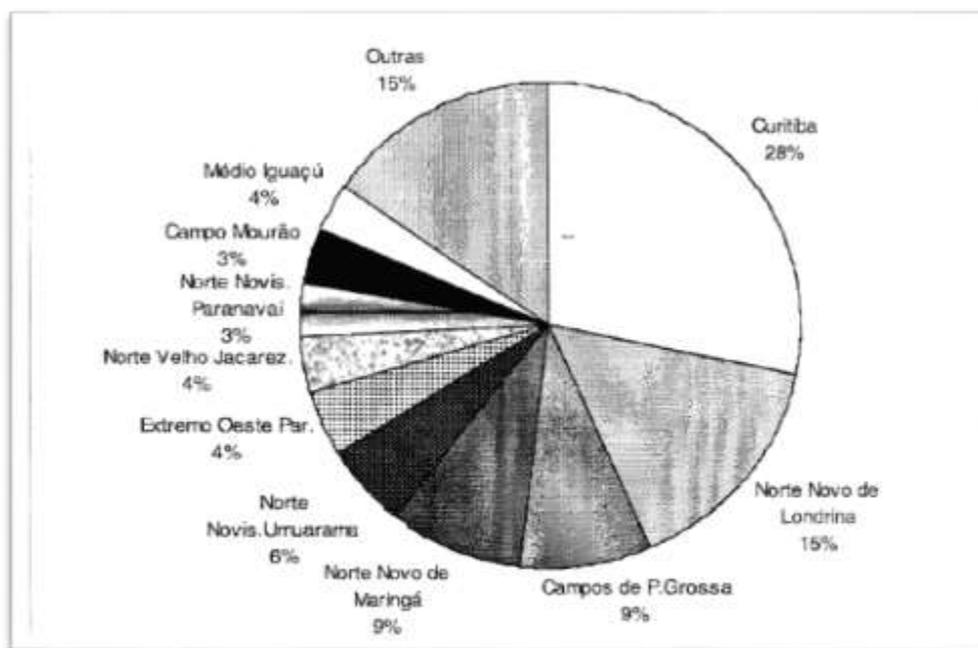
A criação da CODEPAR e o BADEP também estavam vinculados à tendência ao empobrecimento do Estado devido ao escoamento do capital excedente gerado pela economia cafeeira, em direção principalmente para São Paulo e uma preocupação constante com a crise do mercado internacional do café que estava enfrentando muitas oscilações de preço de ano para ano. A opção pela industrialização contida no projeto desenvolvimentista a ser implantado pelo Estado explicita-se no momento em que se prenuncia a crise do café que era o principal produto econômico do Estado. A partir desta renunciada crise e junto com a ideia de que o subdesenvolvimento ou o atraso econômico do Paraná em relação aos outros estados principalmente do Sudeste estaria ligado a sua posição agrícola no cenário nacional, a opção para o desenvolvimento pensado pelo governo estadual foi a industrialização (AUGUSTO, 1978).

Esta política industrializante/desenvolvimentista no Paraná poderia afirmar sua autonomia, menor dependência de São Paulo e maior atenção do governo federal, segundo Augusto (1978). No entanto, para consolidar esta política de desenvolvimento havia a preocupação em organizar um aparelho estatal eficaz e modernizante. Com as divisas geradas pelo café, o governo estadual tinha possibilidade de utilizá-lo para realizar empréstimos com baixa taxa de juros como incentivos para que se instalassem as indústrias privadas necessárias ao desenvolvimento no Paraná.

A seguir busca-se destacar o valor da produção industrial por regiões no Estado em 1970, 1979, 1985, 1992 e 2004 a fim de mostrar que a partir da segunda metade da década de 1970 o setor industrial no Paraná começa a conhecer uma concentração na microrregião de Curitiba em relação ao Norte do Paraná e também ao restante do Estado. Para melhor elucidar a análise destes gráficos procurou-se comparar os dados da microrregião de Curitiba

com a microrregião de Londrina e Maringá representando a zona cafeeira de destaque entre as maiores economias do Norte do Paraná e também do interior do Estado. Esta análise permite demonstrar a diferença destas duas microrregiões que geraram grande parte da riqueza para o Estado pela atividade cafeeira com a de Curitiba que foi contemplada com projeto de desenvolvimento via industrialização elaborado e incentivado pelo governo do Estado.

Figura 2 – Valor da produção industrial do Paraná segundo as principais microrregiões - 1970

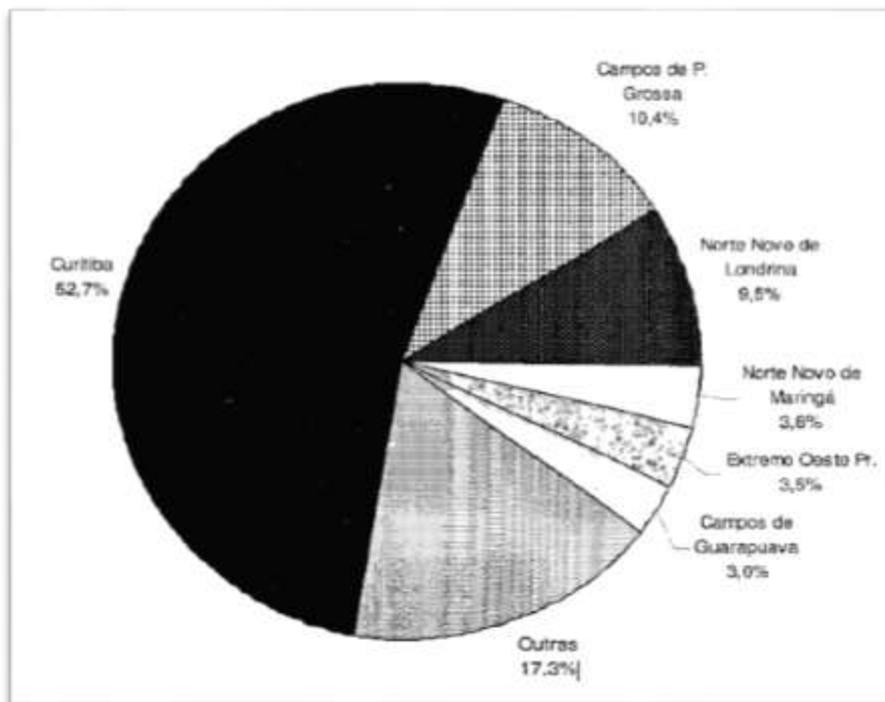


Fonte: BRAGUETO (1999, p. 156).

Como pode ser visto neste gráfico (figura 1) o valor da produção industrial em 1970 no Estado demonstra certo equilíbrio e disperso pelo território paranaense. Mesmo havendo a predominância de uma relativa concentração industrial na microrregião de Curitiba em relação a outras microrregiões não pode deixar de ressaltar que a distribuição de riquezas provenientes do setor industrial indica que poderia ser possível fomentar o desenvolvimento via industrialização por diversas regiões do Estado. Percebe-se que o valor da produção industrial da microrregião de Curitiba representa 28% do Estado, Norte Novo de Londrina com 15% e Norte Novo de Maringá com 9%. Analisando estes dados pode-se dizer que a soma da microrregião de Londrina e Maringá representa 24% do Estado, próximo do valor da microrregião de Curitiba que é de 28%. Isto indica que neste período a microrregião de Londrina e Maringá conseguiria gerar uma interessante produção industrial quanto à

microrregião de Curitiba. Entretanto, no gráfico a seguir (figura 2) inicia-se um processo de concentração industrial na microrregião de Curitiba perante o Estado.

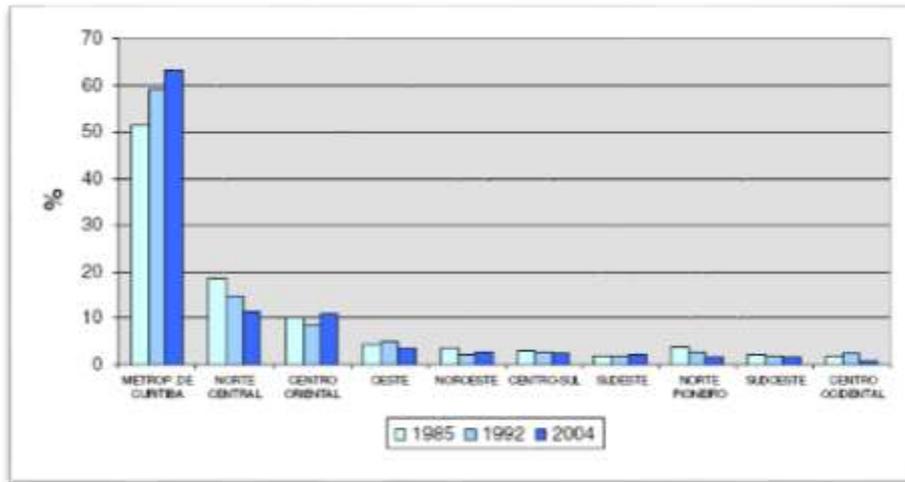
Figura 3 – Valor adicionado da indústria do Paraná segundo as principais microrregiões - 1979



Fonte: BRAGUETO (1999, p. 159).

Como pode perceber este gráfico que representa o valor adicionado da indústria em 1979 houve algumas alterações em relação ao gráfico anterior de 1970. A representatividade da microrregião de Curitiba em comparação ao Estado eleva-se para 52,7% enquanto que o Norte Novo de Londrina reduz para 9,5% seguindo o mesmo caminho pelo Norte Novo de Maringá com 3,6%. A microrregião de Londrina e Maringá neste período contribui com apenas 13,1%, muito distante dos 52,7% da microrregião de Curitiba e abaixo dos 24% alcançados em 1970. Esta diferença que mostra a concentração industrial na microrregião de Curitiba é referente a implantação da CIC e da Refinaria Getulio Vargas, em Araucária. Com a instalação de indústrias com alto valor agregado, ou seja, metal mecânica e química alavancou a diferença em relação a microrregião de Londrina e Maringá assim como no restante do Paraná. No entanto, esta concentração como mostra o gráfico a seguir (figura 3), eleva-se para patamares ainda mais alarmantes quando se pensa em desenvolvimento e distribuição de riquezas industriais por todo o Estado.

Figura 4 – Mesorregiões Geográficas do Paraná – Participação (%) no valor adicionado industrial – 1985, 1992 e 2004.



Fonte: BRAGUETO (2007, p. 155).

Como percebe-se a Região Metropolitana de Curitiba continua em um processo de vertiginoso crescimento representando em 2004 mais de 60% da participação do valor adicionado industrial do Paraná. No Norte Central Paranaense (mapa 2) que abrange as microrregiões de Londrina e Maringá verifica-se uma decadência, representando próximo de 10%. Pode-se dizer que a diferença entre o Norte do Paraná, (microrregião de Londrina e Maringá) e a Região Metropolitana de Curitiba aprofundou ainda mais. Acredita-se que o resultado desta concentração do valor industrial não pode ser entendido fora do contexto do projeto de desenvolvimento via industrialização promovido pelo governo estadual na época contemplando apenas a capital, Curitiba, sem a devida preocupação com o restante do Estado e principalmente com o Norte do Paraná, onde a atividade cafeeira contribuiu em grande parte na geração de receitas ao Estado. Para entender melhor o processo da industrialização paranaense que se concentrou na Região Metropolitana de Curitiba é preciso conhecer a respeito da implantação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC).

Figura 5 – Mesorregiões Geográficas do Paraná



Fonte: Google images

A CIC implantada a partir de 1973 foi uma das estratégias do programa de desenvolvimento via industrialização promovida pelo Governo do Paraná, período em que foi estabelecido um convênio junto à Prefeitura Municipal de Curitiba, como destaca Oliveira (2001, p. 59-60):

Assim, estabeleceu-se que caberia à Prefeitura Municipal de Curitiba, por meio da Urbs, elaborar os projetos de urbanização da CIC, inclusive terraplanagem e pavimentação, além da desapropriação, liberação e venda das áreas tidas como de utilidade pública para o projeto. Ao governo do Estado competia o atendimento às necessidades de infra-estrutura de água e esgoto (Companhia de Saneamento do Paraná - Sanepar), energia elétrica (Copel), telefone e telex (Telepar), além da concessão de financiamento para implantação ou expansão das indústrias (Badep). Além disso, procedeu-se à concessão de generosos incentivos fiscais (isenção total de impostos por dez anos ou mais) e até mesmo a integralização do capital necessário para a implantação das novas fábricas, entrando aí o governo do Estado – através do Badep – como acionista daquelas empresas.

Pode-se dizer que, com a instalação da CIC inicia-se uma nova fase da economia e da industrialização paranaense, gerando uma concentração no valor das riquezas industriais do Paraná, fato este observado anteriormente (figura 2 e 3). De acordo com Trintin (apud BRAGUETO, 2007, p. 94), “a instalação da Cidade Industrial de Curitiba teve um papel de enorme importância tanto no crescimento do parque industrial do Paraná quanto na

determinação de sua concentração no entorno de Curitiba”. Portanto, por meio de uma política de incentivos, tanto por parte do governo estadual quanto a prefeitura de Curitiba muitos investimentos foram para esta cidade e seu entorno. Como foi visto, durante a década de 1970, Curitiba aumenta sua participação no valor adicionado da indústria e outras regiões se mantiveram estáveis ou teve uma redução no cenário paranaense. Deste modo pode-se dizer que a partir da implantação da CIC e conseqüentemente do poder de atração de outras empresas no seu entorno, a indústria paranaense passou de uma relativa desconcentração para uma efetiva concentração.

De fato, enquanto a Microrregião de Curitiba, passa de 32% do valor da produção industrial em 1975 para 52,7% em 1979, a Microrregião dos Campos de Ponta Grossa, cai no período de 15,6% para 10,4%, enquanto o Norte Novo de Londrina, passa de 14,5% para 9,5% [...]. É importante ressaltar que o crescimento da participação de Curitiba não se explica somente pela implantação da PETROBRÁS, pois, mesmo excluindo a produção desta, seu crescimento é significativo. (BRAGUETO, 1999, p.158).

Estes fatos demonstram uma mudança na situação que estavam dispostos espacialmente as indústrias no Paraná. No início da década de 1970 estas se apresentavam espacialmente dispersas, e após este período, com a materialização da CIC começa uma nova fase, a de concentração em Curitiba e aos seus redores, como descreve Lourenço (apud BRAGUETO, 1999 p. 159):

... a concentração espacial da indústria paranaense na década de 70 se explica pelas transformações na estrutura industrial, pela interferência do Governo Estadual no processo de industrialização e pelo poder de atração exercido pela região de Curitiba. Interferindo em tudo isso, estaria a política de atração de indústrias implementado no período, elemento decisivo daquele surto industrial.

Desse modo, o Estado viabilizou-se em Curitiba, pela ação de um projeto de desenvolvimento via industrialização, uma tentativa de construir um alicerce que poderia ser capaz de alterar a situação econômica da época, ou seja, de predomínio da agricultura. É interessante colocar que na década de 1970 foi época em que houve um acelerado êxodo rural, principalmente no Norte do Paraná, com a modernização da agricultura e a terrível geadada de 1975 que praticamente dizimou os cafezais nesta região, expulsando grande contingente do campo em busca de sobrevivência nas cidades. É possível perceber que Curitiba foi uma cidade de destino de muitos migrantes quando se depara com os dados da população que eleva de seiscentos mil em 1970 para mais de um milhão de habitantes em 1980 (FIRKOWSKI, 2001). Muitos destes migrantes foram morar na periferia da cidade, em

situação desumana, mas com esperança de poder arrumar um emprego nas indústrias que ali estavam se instalando.

Portanto, trata-se de um movimento contínuo onde o espaço produzido vai se transformando na medida em que a economia e a sociedade paranaense, em particular a metropolitana, também se transformam, seja em função das atividades industriais que passam a ser mais significativas em Curitiba na década de 70, seja em função da modernização do campo, mudança de cultura (do café para o binômio soja e trigo) e liberação de mão de obra com a intensificação do processo de êxodo rural e a conseqüente aceleração da urbanização (FIRKOWSKI, 2001, p. 26).

No Paraná como em diversos outros estados foram levados a seguir o modelo proposto para a implantação da cultura de soja no Brasil, a partir das décadas de 1960/70, época em que o país busca um novo produto com vista à exportação. O modelo agrícola adotado após década de 1960 era voltado ao consumo de capital e tecnologia externa: grupos especializados passavam a fornecer insumos, desde máquinas, sementes, adubos, agrotóxicos e fertilizantes. A atividade cafeeira então, foi sendo substituída por culturas temporárias como soja, milho e trigo, com emprego de mecanização e agro-químicos usados em larga escala, ocasionando um fluxo migratório campo-cidade.

A modernização da agricultura não trouxe somente progresso, ela não foi homogênea, e nem sequer atingiu todos os seguimentos, mas conduziu a realidade dura do capitalismo a muitos pequenos produtores que teriam suas vidas definitivamente mudadas pela modernização. Santos (2000, p. 89) complementa: “[...] a agricultura científica, moderna e globalizada acaba por atribuir aos agricultores modernos à velha condição de servos da gleba. É atender a tais imperativos ou sair”. A modernização trouxe as diferenças estruturais, processo de especialização, concentração fundiária, concentração de renda, exploração da mão-de-obra, problemas ambientais, entre outros.

Em relação a severa geada que atingiu o Paraná em 1975, Batista (2010, p. 137) salienta a respeito da atividade cafeeira e sua importância ao Estado:

as conseqüências causadas pela geada de 1975 foram o maior golpe da história econômica do Paraná. Pesquisas apontam que a geada foi o fator primordial para que a cafeicultura tivesse reduzido drasticamente sua área no estado.

A geada acelerou mudanças na estrutura fundiária, no uso da terra e também desestruturou a parceria que era a principal relação de trabalho, principalmente do Norte do Paraná onde o cultivo do café era predominante. Devido a este fenômeno climático muitos saíram do campo, por falta de trabalho e acabaram se tornando assalariados e mudando-se para a cidade.

Com a crise na atividade cafeeira, que gerava grande parte das riquezas do Estado e do contingente de trabalhadores, o projeto de desenvolvimento industrial poderia ser visto como capaz de amenizar as consequências do êxodo rural que culminaria em elevado índice de desemprego, conforme Balhana, Machado e Westphalen (1969, p. 239) “o caminho era o da concentração de esforços governamentais na industrialização e sua distribuição no Estado, e não apenas na área da Capital paranaense”. No entanto, aconteceu ao contrário, como já foi demonstrado, a geração de riquezas da produção industrial a partir da década de 1970 direcionou para uma forte concentração em Curitiba e seu entorno, colocando o restante do Estado a patamares muito distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pretendido desenvolvimento socioeconômico no Paraná via industrialização, adotado a partir da década de 1960, por meio de financiamentos e atrativos fiscais para atrair grandes empresas, ficou localizado apenas na Região Metropolitana de Curitiba. Assim, esta região foi o principal destino de investimentos e inserção de capitais alavancando sua economia industrial. O modelo e o resultado deste projeto de desenvolvimento promovido pelo governo estadual não abrangeu outras regiões, o que seria de fundamental importância para o desenvolvimento de todo o Estado.

O cenário que está disposto atualmente é de uma concentração de riquezas do setor industrial paranaense na Região Metropolitana de Curitiba em comparação a outras regiões do Estado. Observa-se a falta de preocupação do governo estadual com programas políticos e econômicos visando à distribuição espacial das indústrias, no intuito de proporcionar um desenvolvimento econômico e social por todo o Estado.

Acredita-se que é necessária a dedicação com pesquisas e elaboração de um projeto que possa levar o desenvolvimento com apoio do setor industrial para estimular a economia em diversas regiões do Estado. Um caminho interessante é o estudo de elementos imprescindíveis como a formação socioespacial do Paraná, a geografia industrial e as teorias de desenvolvimento. No entanto, cabe a colaboração do governo estadual para que este projeto de desenvolvimento desconcentrado/polarizado se torne realidade no Paraná.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Formulação do projeto de desenvolvimento paranaense. In: _____. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista**. São Paulo: Símbolo, 1978.

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

BATISTA, Ederval Everson. **A importância da cafeicultura para a permanência dos sítios na terra: uma análise dos bairros rurais da Laranja Azeda e da Limeira em Lerroville, Londrina-PR**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BRAGUETO, Claudio Roberto. O processo de industrialização do Paraná até a década de 1970. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v.8, n.2, p.149-160, jul./dez. 1999.

BRAGUETO, Claudio Roberto. **O Aglomerado Urbano-Industrial de Londrina: sua constituição e dinâmica industrial**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. 2001. 278f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRESCA, Tânia Maria. Aprendendo sobre a região: o difícil começo. In: CARVALHO, Márcia Siqueira de (Org.). **Geografia, meio ambiente e desenvolvimento**. Londrina: a Autora, 2003. p. 35-57.

LEÃO, Igor Zandoni Constant Carneiro. **O Paraná nos anos setenta**. Curitiba: IPARDES/CONCITEC, 1989.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.